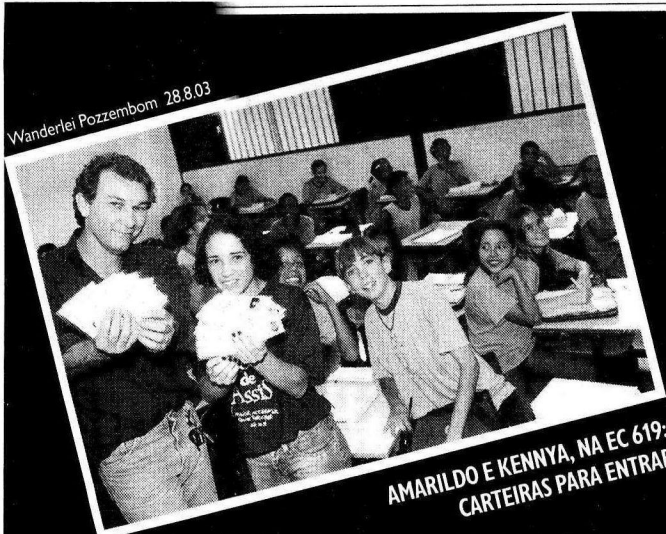


CIDADES



AMARILDO E KENNYA, NA EC 619: CARTEIRAS PARA ENTRAR



SETOR LESTE GANHOU POLICIAMENTO PERMANENTE



PICHACOES NO SETOR LESTE: GANGUES AMEDRONTAM ALUNOS

Estudantes temem os pichadores

O medo de ser tachados de *dedo-duro* por adolescentes infratores provocou a debandada de 18 dos 20 alunos que integram o Conselho de Segurança do colégio Setor Leste, na 611 Sul. Criado para tentar colocar um freio na violência que amedronta os 2.700 alunos da escola, o conselho foi desestruturado pela ação de três gangues de pichadores que já demarcaram território dentro e fora dos limites da escola.

“Muitos estudantes nunca participaram de uma reunião do conselho porque os pais sentem medo de que eles fiquem marcados”, conta a vice-diretora da escola, Alba Regina Ribeiro. Segundo ela, a violência foi responsável pela maior parte dos 130 pedidos de transferência recebidos pela direção.

As colegas T.R.M. e P.P.L., ambas de 16 anos e alunas do segundo ano do Setor Leste, estão entre os que deixaram o conselho. “A maior parte dos alunos interpreta de forma errada a função do conselho. Ele não existe para punir ninguém, mas para buscar soluções. Mas nossos pais ficam preocupados com as notícias

de violência”, pondera P.P.L..

Mesmo com as intimidações, a direção do Setor Leste acatou as sugestões do conselho e tomou algumas medidas contra a violência. As principais são o cercamento de toda a escola e o controle mais rígido na entrada e saída dos estudantes dos três turnos.

A partir de amanhã, os alunos começam a receber cadernetas com fotos e nomes. Já os professores e funcionários vão ganhar um adesivo personalizado para pregar nos carros. Até o fim da semana, a identificação será obrigatória para o acesso ao colégio, que ainda abriga um clube e uma academia de ginástica, abertos à comunidade.

Na mais grave e recente ocorrência de violência no Setor Leste, um estudante de 17 anos foi baleado na parada de ônibus em frente ao colégio, no dia 18 de agosto. A po-

lícia suspeita de uma rixa entre a Grafiteiros Sem Janta (GSJ) — gangue que atua principalmente na Asa Sul — e a Legião Unida pela Arte (LUA), com influência no Riacho Fundo e em Samambaia. Ninguém ainda foi preso.

Diretor do Setor Leste desde o começo de 2003, Luiz Gonzaga Lapa aponta a dimensão do terreno e a falta de funcionários como as maiores dificuldades para controlar a frequência. “Temos uma área de 74 mil metros quadrados e nenhum fun-

cionário na área operacional para fazer o trabalho de vigilância”, diz ele. Há três anos, as câmeras e monitores do circuito interno de TV, eficientes mecanismos de vigilância, estão quebrados.

A escola também enfrenta o problema da falta de iluminação. A maioria dos postes está com a lâmpada quebrada. A escuridão aumenta com as sombras das árvores, que encobrem bebedeiras e o uso de drogas.

Entrada restrita a quem se identifica

A última ocorrência de violência no Centro de Ensino 619 de Samambaia foi registrada em maio. Não passou de uma briga com tapas e puxões de cabelos entre duas alunas. E é o único caso deste ano na escola de 2.300 alunos, distribuídos pelos três turnos.

Incluído no programa piloto de combate à violência do Ministério Público, Secretaria de Educação e Secretaria de Segurança Pública, o Centro de Ensino 619 de Samambaia conseguiu afastar a criminalidade com medidas severas. A principal é a que restringe o acesso à escola. O único portão, de ferro, só é aberto ao aluno que mostrar a carteira estudantil emitida pelo Centro de Ensino. O documento é retido, levado à diretoria e devolvido ao estudante somente no momento dele ir para casa.

A idéia de confeccionar as carteirinhas surgiu no fim do ano passado. “Foi a melhor coisa que inventaram. Dava medo de trabalhar aqui. Cruzávamos com todo tipo de gente, que não tinha nada a ver com a comunidade escolar”, conta a orientadora educacional Kennya Teles Fernandes, 28 anos.

Até 2000, o Centro de Ensino 619 de Samambaia recebia adolescentes do Centro Atendimento Juvenil Especializado (Caje), que freqüentavam a escola por meio do benefício da liberdade assistida. “Eles nos intimidavam, nos ameaçavam”, lembra Kennya Fernandes.

Hoje, Kennya é diretora do Conselho de Segurança Escolar e destaca a participação dos pais nas reuniões pedagógicas do colégio como ferramenta de combate à delinquência. “Os pais sempre vêm à escola quando chamados e querem saber como está o rendimento dos filhos.”

O pedreiro José Antônio Silva Filho, 47, é um dos pais presentes na vida do filho. “Se eu não olhar por ele, um traficante vem e toma conta”, diz. Para convocar os pais, a direção manda carta a cada reunião, dando 48 horas para o responsável pelo aluno comparecer à escola.

“Mandamos o recado lembrando que a falta não justificada nos obriga ao acionamento dos órgãos responsáveis, como o Conselho Tutelar. Ainda bem que não precisamos abrir nenhum processo contra algum pai”, comenta o diretor do Centro de Ensino 619 de Samambaia, Amarildo Reino de Lemos. (R.A. e S.S.)



PORTÕES TRANCADOS NO SETOR LESTE: VIOLÊNCIA DE GANGUES DESESTRUTUROU CONSELHO ESCOLAR